

Leituras da ficção contemporânea: entre temas e estilos

Readings of the contemporary fiction: between themes and styles

Diego da Cruz

Universidade Federal do Paraná – Paraná – Brasil

Resumo: Há uma tendência da crítica em inquietar-se com as abordagens políticas da literatura de ficção contemporânea, porque esta seria a causa de uma suposta entrega dos aspectos artísticos desta literatura a aspectos ideológicos. Segundo a observação de *A extinção das abelhas* (Polesso, 2021), *O avesso da pele* (Tenório, 2021), *O som do rugido da onça* (Verunschik, 2022) e *Torto arado* (Vieira Júnior, 2019), algumas das obras mais distribuídas nos últimos anos no Brasil, percebe-se que, de fato, as agendas políticas do momento tomam conta das suas temáticas, e embora a crítica volte-se a este aspecto do regime estético atual, trata-se de apontamentos descritivos, no campo da impressão, há ainda carência de análise e interpretação do progressismo na literatura atual. Por isso que uma chave proposta para uma leitura coerente desta literatura deve ser os conceitos de integração e diferenciação em Candido (1975) atualizados à situação do capitalismo dos anos 2020. Os resultados desta abordagem confirmam e contradizem a crítica, afinal, de fato há uma tematização política especial, mas isso não diminui a potência de estilo da obra, se há déficit artístico em uma obra não é devido ao seu comprometimento com certos temas.

Palavras-chave: Literatura. Contemporaneidade. Crítica. Temática. Estilo. Capitalismo.

Abstract: There is a tendency for critics to be concerned about the political approaches in contemporary fiction literature, because this would be the reason for a supposed surrender of the artistic aspects of such literature to ideological aspects. According to the observation of *A extinção das abelhas* (Polesso, 2021), *O avesso da pele* (Tenório, 2021), *O som do rugido da onça* (Verunschik, 2022) and *Torto arado* (Vieira junior, 2019), some of the most distributed works in recent years in Brazil, it is possible to be figured out how, in fact, the political agendas of the moment take over their themes, and although the criticism focuses on this aspect of the literature, these are descriptive notes, in the field of impressions, there is still a lack of analysis and interpretation of the progressivism in such literature. That is the reason why a proposed key for a coherent reading of the contemporary literary must be the literary concepts of integration and differentiation in Candido (1975) updated to the situation of capitalism in the 2020s. The results of this approach confirm and contradict the critics, after all, in fact there is a special political theme, but this does not diminish the stylistic power of the work, if there is an artistic deficit in a work it is not due to its commitment to certain themes.

Keywords: Literature. Contemporaneity. Criticism. Thematics. Style. Capitalism.

1 Introdução

Há um discurso comum da crítica a respeito de uma suposta entrega da literatura contemporânea ao debate sociológico e político. Teóricos e escritores têm defendido em seus livros, colunas de jornais, espaços digitais de crítica literária, entrevistas, entre outros, que a ficção contemporânea estaria sequestrada pelo debate político da ordem do dia, ou seja, as agendas referentes às desigualdades sociais (e suas implicações no regime das identidades) teriam se imposto na literatura de tal modo que esta teria seu caráter artístico reduzido.

Um texto crítico amplamente debatido nos últimos anos é o “Espírito do Tempo”, de Lígia Diniz, a respeito de *Salvar o fogo*, romance de Itamar Vieira Junior que sucede *Torto Arado*. Este texto excedeu a discussão literária e alcançou públicos de diversas mídias porque Vieira Júnior, em sua coluna na Folha de São Paulo¹, acusou a crítica de racista e insinuou judicializar a questão. Talvez devido à evidência do autor e a repercussão da sua resposta, “O Espírito do Tempo” tornou-se um texto crítico de literatura que circulou no mais variados cenários. Nele, a argumentação fundamental de Diniz é que um suposto engajamento político de *Salvar o fogo* se sobrepõe à criatividade: “esse desenrolar [do mistério do enredo] é só o meio para o romance denunciar, com mão pesada, os muitos e muitos abusos cometidos ou encorajados por aqueles que detêm o poder na região” (Diniz, 2023). Segundo a autora, o descortinamento do mistério do enredo seria “pouco criativo”, e apenas um método de denúncia social. De uma perspectiva mais ampla, a crítica de Diniz diz respeito a uma suposta tendência do sistema literário atual, cuja recepção mais vigorosa se daria quase exclusivamente pela abordagem temática de determinada obra e pouco pela sua literariedade, o que seria um sistema de produção e reprodução específico, menos estilizado e mais engajado. Este é também o argumento do autor e crítico contemporâneo Bernardo de Carvalho, ele afirma que “Hoje existe uma demanda por livros que

‘abracem’, que ‘empoderem’. Livro não abraça, não confirma o que você pensa, não te acalma. Isso é religião” (Carvalho, 2023), o que também é o raciocínio da escritora, professora e crítica Noemi Jaffe

Na literatura o que importa não é a eficácia, comunicar uma ideia com eficácia, você está entregando tua ideia para as palavras transformarem aquela ideia em literatura. É isso que tá [sic] faltando um pouco. A gente tá [sic] produzindo uma literatura mais de ideias do que uma literatura feita com e pela linguagem. (JAFJE, 2023)

Estas constatações não parecem equivocadas, ao contrário, elas apontam para um aspecto relevante da literatura contemporânea, que é o seu nível de comprometimento com questões políticas concretas. Entretanto, ainda são apenas constatações, observações e apontamentos que até o momento carecem de melhores investigações e análises que as justifiquem. Portanto, a se pensar a literatura contemporânea brasileira, é da maior relevância que se investigue as razões das pulsões ideológicas nas obras, ou seja, por que há no contemporâneo um sistema de produção e reprodução de obras engajadas?

2 Capitalismo

Um dos pontos iniciais de elaboração de hipótese é a de que, segundo a lógica do capitalismo, a desigualdade entre os grupos sociais inevitavelmente aumenta e, embora no Brasil isso não signifique nos últimos anos necessariamente o aumento da pobreza, uma das consequências é o recrudescimento das formas de vida da maior parcela da população, desse modo se estabelece um mal-estar que exige uma representação estética.

A leitura é, antes de tudo, uma busca estética de atitudes a serem tomadas diante de certos cenários, e sendo a contemporaneidade mais um momento crítico do capitalismo, em que as desigualdades sociais estão em um patamar extremo, especialmente no Brasil, e consequentemente um

¹<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/itamar-vieira-junior/2023/05/vini-jr-ensina-que-devemos-erquer-a-cabeca-e-ir-ate-o-fim-contra-racismo.shtml>

elevado número de pessoas está submetido a tratamentos inadequados e colocados em situações cada vez mais extremas de exploração, é possível entender como existe uma demanda por vozes literárias combativas, propositivas, representativas, ao ponto de certos autores tornarem-se para além de autores literários também agentes ideológicos.

Há uma perspectiva de que o problema do capitalismo seria a pobreza e não a desigualdade, neste caso a pobreza seria o resultado de falhas administrativas e não relativas ao sistema, o que permitiria admitir que a falha do capitalismo seria a forma como ele é gerenciado, ou seja, a partir de algo como um capitalismo moderado a pobreza poderia ser suprimida, independentemente dos seus níveis de desigualdade. Segundo esta perspectiva, a desigualdade não seria o problema, e tanto ela como a pobreza sempre teriam existido, então a situação contemporânea não seria de fato mais aguda do que em outros momentos da história. Esta perspectiva anula a hipótese de que a situação atual do capitalismo, diferentemente de outros momentos, abre um horizonte recepcional de obras comprometidas com pautas reais.

Uma das lógicas primárias do capitalismo diz respeito ao lucro e ao acúmulo de renda, e os de cima desde sempre têm obtido sucesso nas suas empreitadas, de tal modo que paulatinamente a desigualdade aumenta, mesmo que nos últimos anos a pobreza não tenha necessariamente aumentado. Um dos fatos centrais da argumentação aqui diz respeito à relação entre a desigualdade vertical e a desigualdade horizontal: a primeira diz respeito à desigualdade econômica, ela significa a divisão das pessoas entre o topo e a base da pirâmide social, e a segunda é o conjunto de consequências da primeira, a divisão das pessoas conforme as suas identidades e a sua localização geográfica. Em outras palavras, e desigualdade econômica condiciona as desigualdades étnicas, raciais, religiosas, de gênero, entre outras, assim como condiciona a distribuição e a vivência espacial das pessoas. Por este motivo, o crescimento

da desigualdade social é o problema central para se pensar a atualidade, mesmo que os números não mostrem aumento dos níveis de pobreza (ao menos no Brasil).

Conforme verifica-se nos dados oficiais divulgados pelo governo brasileiro em 2024², o 1% da população mais rica do Brasil possui um rendimento 39,2 vezes maior do que o rendimento médio dos 40% mais pobres do país. Contudo, para entender a trajetória da distribuição de renda, em comparação com dados de 2022, esta parcela mais pobre da população teve um aumento de 12,6% no seu rendimento médio mensal (de R\$468,00 para R\$527,00, um aumento de R\$59,00), enquanto este 1% mais rico teve um aumento médio de 13,2% (de R\$18.257 para R\$20.664, um total R\$2410,00). Ou seja, segundo estes dados, em números absolutos, a parcela mais rica da população tende a expandir a sua riqueza enquanto a pobreza parece ser mantida, o que significa, de fato, que embora a pobreza não tenha aumentado nos últimos anos no Brasil a desigualdade continua a se acentuar, mesmo que de maneira menos acelerada do que no passado. Todavia, a desaceleração da desigualdade social no Brasil é devida aos seus programas sociais, como o Bolsa Família, e políticas de combate ao desemprego, o que não segue os parâmetros do capitalismo, onde a tendência é também a pobreza aumentar, conforme atesta Harvey (2016)

²<https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/bolsa-familia-reduz-desigualdades-no-brasil-aponta-pnad-continua-do-ibge>

Não importa qual política é seguida: o resultado é o favorecimento do clube de bilionários que constitui hoje uma plutocracia cada vez mais poderosa, tanto dentro dos países como no cenário mundial (como Rupert Murdoch). Em toda parte, os ricos estão cada vez mais ricos. Os cem maiores bilionários do mundo (tanto da China, da Rússia, da Índia, do México e da Indonésia, como nos centros tradicionais de riqueza como na América do Norte e na Europa) juntaram US\$ 240 bilhões a mais em seus cofres só em 2012 (o suficiente, calcula a Oxfam, para acabar com a pobreza mundial da noite para o dia). Em contrapartida, **o bem-estar das massas estagna, na melhor das hipóteses, ou, mais provavelmente, sofre uma degradação crescente, se não catastrófica** (como na Grécia e na Espanha). (HARVEY, 2016, p.11, grifo meu)

Então, as concepções de capitalismo moderado são apenas crenças não verificadas na realidade. Afinal, embora alguns divulguem a ideia do trabalho social, o princípio básico do empreendedorismo capitalista é a vantagem. Trata-se de um modelo econômico vertical, baseado em conceitos como hierarquia e hegemonia, cuja finalidade é antes o lucro do que a distribuição, esta última é orquestrada exclusivamente para otimização do primeiro. Segundo essa lógica, quando a distribuição de renda acontece ela baseia-se em um salário mínimo para que o trabalhador continue exercendo suas funções. Um sintoma da ferocidade dos mecanismos de exploração atuais é a proposta da ministra do planejamento do Brasil, Simone Tebet, em 12/06/2024, na audiência pública sobre o Projeto da Lei das Diretrizes orçamentárias de 2025 (PLN 3/24) na Comissão Mista de Orçamento, em que ela sugere que as despesas do governo com idosos, abono salarial e seguro-desemprego não sejam mais atreladas ao salário mínimo, ou seja, mesmo o mínimo garantido na constituição para a subsistência do cidadão está sendo colocado em pauta.

Os desdobramentos deste modo de vida, cuja base é o crescimento das desigualdades sociais, percebem-se pela maior exploração da força de trabalho, maior marginalização das classes mais baixas, maior vigilância do Estado, crescimento dos níveis de violência, e isolamento das minorias cujas

consequências são a gentrificação, recenseamento e novas subdivisões das cidades.

Portanto, se a literatura contemporânea caracteriza-se em muito por posicionamentos em torno de injustiças sociais, é dado à criticidade do momento em que está sendo produzida esta literatura. Em outras palavras, os temas da literatura contemporânea estão sob contornos mais destacados do que a própria linguagem devido à forma do contexto em que ela é produzida, isto é, o terreno do contemporâneo é o de um tipo de neo-realismo concreto, anti metafórico, em que aspectos externos à obra (como questões de autoria) tornam-se relevantes às concepções de leitura. Ainda, talvez não seja fatalista uma projeção de que a literatura que hoje é distópica em futuro não distante seja considerada realista, crônica ou Romance de costumes.

3 Integração e diferenciação

A obra literária não é um espelho da realidade, termos como “representação” e “intenção” tendem a ser vistos como ingênuos nos estudos literários, afinal, literatura é mais arte do que sociologia, mais intuitiva do que lógica. Ela deve ser entendida como objeto particular que plasma o social, a prática diferenciada de cada leitor diz respeito à sua integração no coletivo que a arte comunica, e uma chave para investigar a relação entre a literatura contemporânea e o sistema econômico em que está inserida são os conceitos de integração e diferenciação de Antonio Candido (1975)

Trata-se de dois fenômenos sociais muito gerais e importantes [a integração e a diferenciação]. A integração é o conjunto de fatores que tendem a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos valores comuns da sociedade. A diferenciação, ao contrário, é o conjunto dos que tendem a acentuar as peculiaridades, as diferenças existentes em uns e outros. São processos complementares, de que depende a socialização do homem; a arte, igualmente, só pode sobreviver equilibrando, à sua maneira, as duas tendências referidas. (CANDIDO, 1975, p.23)

Segundo o autor, toda obra tende a incorporar o sistema simbólico vigente e ao mesmo tempo renová-lo. A literatura, mesmo sendo um objeto abstrato, deve dialogar com o seu contexto em maior ou menor medida. Por isso, partindo do pressuposto de que o fenômeno literário se dá com um autor/artista que toma para si a produção de um objeto/obra que existe sob a demanda de um público (caso contrário não haveria recepção), pode-se reafirmar que o contexto atual do capitalismo conduz o debate público a certas temáticas que, quando abordadas, produzem o efeito que Candido chama de integração, porque propõem a participação no que está em voga. Diga-se: o mal-estar introjetado nas relações materiais contemporâneas devido à crescente desigualdade. Sob a perspectiva recepcional diria-se que este momento do capitalismo impõe agendas ao público que formam parte do seu horizonte de expectativas. Mas, como o próprio Candido afirma, a arte (literária) deve, para sobreviver, também propor a diferenciação, que é “acentuar as peculiaridades”. Então, embora haja uma pressão da crítica para que a narrativa contemporânea module seu discurso no sentido de ser estratificada, divergente e singular, para que ela aconteça deve também galgar o que é comum na sociedade. Em outras palavras, faz parte da sobrevivência da literatura, por um lado integrar-se e integrar seus leitores na demanda por imagens de reação às mazelas das condições de vida, e por outro também deve diferenciar, reforçar particularidades de atores sociais.

No que diz respeito à integração, o que é específico à literatura contemporânea, então, é a plataforma contextual em que está inserida. A diferenciação diz respeito a particularidades que estão no plano do enredo e dizem respeito, em geral, às singularidades dos personagens e das suas práticas, o enfoque narrativo, os estilos e a linguagem, e são estas especificidades exclusivas à diegese da história que têm sido negligenciadas na abordagem da crítica à literatura contemporânea.

Talvez, ainda, seja possível dizer de maneira

mais ampla que a temática da obra a direciona à integração do seu público, enquanto a sua inventividade (que é o trabalho da pessoa do autor enquanto aquele que escolhe por conexões inovadoras) venha a reforçar a noção da diferenciação ao seu público. Daí percebe-se que, embora temática e criatividade sejam processos complementares de qualquer obra literária, a primeira tem sido exclusividade na abordagem da crítica contemporânea. E mais importante do que procurar os motivos das reações a esta face da literatura contemporânea, é analisar como se dá este processo de integração em algumas das obras de mais evidência nos últimos anos.

4 As obras

Para direcionar-se a algumas obras contemporâneas é importante conceitualizar que

na verdade, não se trata de dois tipos, sendo, como são [integração e diferenciação], aspectos constantes de toda obra, ocorrendo em proporção variável segundo o jogo dialético entre a expressão grupal e as características individuais do artista. (CANDIDO, 1975, p. 31)

Portanto, a partir dessa percepção entre o que uma obra agrega e o que diferencia, ou o quanto agrega e o quanto diferencia, parece possível vislumbrar melhor o horizonte contemporâneo. Porém, tendo em vista aqui que a investigação principal está direcionada mais à enunciação das obras do que aos seus enunciados, ou seja, ao que elas dizem e não exatamente a como elas dizem, o foco é a abordagem temática das obras, os seus elementos de integração com o meio, isto é pensar qual a conversa da ordem do dia que os autores buscam se inserir, e se de fato trata-se de um flagrante horizonte de desconforto relativo à desigualdade social.

Torto arado (2019), de Itamar Vieira Junior, é a história de um povo que vive isolado na fazenda de Água Negra, em situação análoga à escravidão. Conforme dito, os elementos diferenciadores e integradores formam qualquer obra artística, e em

Torto arado a singularidade reside na construção das personagens duplas, Bibiana e Belonísia, as protagonistas da história, que segundo a trama do enredo confundem-se para o leitor, mesmo enquanto narradoras. Esta é uma das características que marcam a singularidade artística de *Torto arado*, mas mesmo assim um fato relacionado a uma temática social e política, uma vez que é a exclusão e marginalização estrutural que as posiciona como duas meninas que sequer conhecem um artefato industrializado como uma faca, e que quando se deparam com tal, ainda na primeira cena do enredo, devido à curiosidade e desconhecimento, uma delas tem a língua decepada, perdendo a competência da fala e conectando-se (duplicando-se) à sua irmã. Além da exclusão e marginalização estrutural, o primeiro plano temático desta obra é a exploração escravizadora da força do trabalho, o condicionamento à subalternidade a partir de gênero, cor e raça, dinâmicas basilares do modo de produção capitalista e que saltam à vista em momentos críticos, o que significa dizer que estão à luz, de maneira mais ou menos direta, a todos que se veem vivendo sob este modo de produção.

A *extinção das abelhas* (2021), de Natalia Borges Polezzo, conta a história de Regina, que vive em Santiago, no interior do Rio Grande do Sul, ela é a narradora personagem e descreve um mundo à beira do colapso. Ela narra a história a partir de memórias, no momento da narração ela tem cerca de quarenta anos de idade. Regina fora abandonada pela mãe ainda na infância e ficou órfã de pai aos dezesseis anos, quando começou a ser auxiliada pelas suas vizinhas, um casal de mulheres, e desde então tem vivido uma biografia que aos poucos se degrada em uma sociedade cujos bens se tornam cada vez mais inacessíveis e escassos. No momento do relato, o trabalho realizado pela personagem como forma de subsistência é de *camgirl* (ela expõe seu corpo em sites eróticos e de maneira remota atende clientes). A singularidade artística desta obra está na transposição dos tempos narrativos de mãe e filha, desencontradas na diegese da história, mas aproximadas na narração, o que constrói efeitos subjetivos ao leitor. Esta poética

do tempo, do espaço e dos afetos é assimilada a partir da semiótica das fotografias que a protagonista guarda consigo. Regina ganha amplitude enquanto personagem especialmente devido à abordagem temática da obra: ela percebe a desigualdade social e entende-se como alguém subalternizada, posicionada espacialmente, e que para viver deve-se submeter ao trabalho, cuja lógica é a da exploração do corpo por meio do uso de tecnologias, o que converge a obra a temáticas outras como sustentabilidade, sexualidade, machismo, racismo, migração, até a crônica espetacularização da política está na infraestrutura deste enredo. Note-se como estes temas moldam a estrutura deste modelo econômico que precisa hierarquizar corpos e definir práticas, e se estes temas ganham evidência na arte isto diz respeito à evidência coletiva que possuem devido à sua crise.

A obra *O som do rugido da onça* (2022), de Micheliny Verunschik, trata de duas crianças indígenas, Iñe-e e Juri, que foram levadas a Munique, na Alemanha, pelo zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Carl Friedrich Martius. Este é um fato histórico, as litogravuras das duas crianças feitas por estes dois naturalistas europeus fazem parte do acervo da Exposição Brasileira, no Itaú Cultural em São Paulo. Spix e Martius renomearam Iñe-e e Juri como Isabella Miranha e Johann Juri. De oito crianças indígenas levadas, estas duas foram as únicas que sobreviveram à travessia, no século XIX, do Brasil à Alemanha, e lá morreram alguns meses depois devido a moléstias resultantes das condições adversas que estavam submetidas. Posteriormente, a cabeça de uma das duas crianças foi cortada e conservada para estudo e exposição. Esta obra trata dos fluxos de consciência de Josefa, que no presente observa as cabeças das duas crianças na exposição. O som do rugido da onça busca integrar os leitores com temáticas relativas à violência da exploração do homem pelo homem, com uma estética que relaciona à atualidade raízes ainda mais profundas do capitalismo (os sequestros das colonizações). A sobreposição dos tempos na narrativa faz com que a angústia no presente de Josefa (a atualidade, o mesmo tempo do leitor da obra) seja reconhecida a

partir da vividez da dor das histórias de Lêne e Juri no século XIX. As questões relativas à colonização, cientificismo, hegemonia e subalternidade, fundamentais mas menos evidentes na estrutura do mal estar contemporâneo, são relacionados à violência e exploração que são sentidas no presente. Nesta obra, o efeito fantástico ao leitor de sobrepor o passado e o presente é também a revelação de que a desigualdade horizontal da ordem do dia tem origens numa desigualdade vertical que é de longa data.

Embora *O avesso da pele* (2021), de Jefferson Tenório, seja desenvolvida a partir da construção das memórias de Pedro sobre seu pai e o impulso narrativo seja a afetividade gerada pela ausência, o racismo é o seu centro gravitacional. O que significa dizer que apesar de a infraestrutura desta obra ser aparentemente menos relativa às questões políticas materiais atuais, os raciocínios de Pedro estruturam-se a partir da perspectiva sociológica do racismo. Nos seus esforços em construir um discurso, um panorama memorial, de si, de sua família e de seus antepassados, a introspecção é convertida à análise da prática cotidiana a partir da pele.

Como percebe-se nestas obras, e de maneira especial em *O avesso da pele*, esta integração com as questões sociais não furtam a literatura do seu caráter artístico ou poético. Na obra de Tenório as descrições do que forma e circunda a sobrevivência das pessoas negras não é um fim em si mesmo, elas são matéria artística para resoluções acerca da afetividade e da memória. Esta obra não apenas integra por meio da sua temática atrelada ao real, ela também diferencia por meio dos seus estilos, as suas combinações compõem uma singularidade. *O avesso da pele* é emblemático porque para o personagem reconhecer-se no mundo ele não consegue furtar-se de dialogar com questões relativas ao outro. Neste processo de (re)compor a si mesmo, para Pedro, é inevitável tratar de questões raciais, especialmente (mas não só) porque seu pai negro foi morto pela polícia em uma cena com a presença de pessoas brancas que não sofreram a violência, paralelamente ao que Pedro

verifica no seu cotidiano, este trauma torna-se a verve da sua história, de tal modo que para trabalhar este trauma ele percebe a sua pele como a chave para os seus modos (de vida ou de morte). Então, é um livro a respeito da introspecção, mas a introspecção está embebida do mundo aberto, assim como é uma obra sobre a formação pessoal, mas uma pessoalidade que não tem como não ser também o resultado do lugar e das práticas sociais de onde se vive, e é exatamente nesta transposição entre o radical e o sublime, a base e a superestrutura, o individual e o coletivo, o público e o privado, que se dá a literatura, o que em termos mais teóricos é dizer que os temas devem ser estilizados. E se na contemporaneidade o tema adquire relevância especial é porque o momento é de crise material.

5 Conclusão

Segundo o autor, os contrastes produzidos pelo sistema econômico baseado no capital tendem a gerar inseguranças tais que expulsam os indivíduos das suas zonas de conforto. Embora os números de inflação, migração, moradia, capacidade de consumo e taxas de natalidade mostrem uma tendência à precarização da vida do cidadão médio, este não é um sistema óbvio e logicamente organizado, portanto de difícil acesso ao raciocínio, o que torna a busca pelo retorno ao conforto, antes de tudo, uma busca deste cidadão/leitor por respostas

Somos como um grande peixe que tem sido puxado para fora da água e está se debatendo freneticamente para encontrar um caminho de volta. Em tal condição o peixe nunca se pergunta aonde o seu próximo movimento vai lhe levar. Ele apenas sente que a sua situação atual é insuportável e que algo deve ser feito. (THUROW, 1996, p. 10) (tradução minha)³

Segundo o autor, os contrastes produzidos pelo sistema econômico baseado no capital tendem a gerar inseguranças tais que expulsam os indivíduos das suas zonas de conforto. Embora os números de

³ "We are like a big fish that has been pulled from the water and is flopping wildly to find its way back in. In such a condition the fish never asks where the next flip or flop will bring it. It senses only that its present position is intolerable and that something else must be tried."

inflação, migração, moradia, capacidade de consumo e taxas de natalidade mostrem uma tendência à precarização da vida do cidadão médio, este não é um sistema óbvio e logicamente organizado, portanto de difícil acesso ao raciocínio, o que torna a busca pelo retorno ao conforto, antes de tudo, uma busca deste cidadão/leitor por respostas

Semelhante ao peixe chinês na citação do início deste livro, debater-se freneticamente pode tanto distanciar os humanos de um ambiente de segurança onde eles sabem como agir como pode aproximá-los. Para alcançar a segurança, o novo ambiente em que de repente nos encontramos precisa ser compreendido. (THUROW, 1996, p. 13) (tradução minha)⁴

O panorama investigado por Thurow aponta no sentido do argumentado aqui: essa tendência atual das pessoas perceberem as suas relações cotidianas de maneira problemática abre um horizonte recepcional, no qual os autores analisados pareceram tentar construir sua literatura. Em outros termos, o terreno de integração da literatura contemporânea é materialista, diz respeito a espaços, tempos e corpos. É uma questão de análise de obra dizer se o caráter integrador da ficção contemporânea se sobrepõe ao seu caráter diferenciador, mas conforme a análise das obras aqui propostas, que são obras distribuídas pelas maiores editoras brasileiras, aparentemente a tendência é, de fato, que a temática domine o estilo, por mais que isto inquiete a crítica.

O plano de fundo dessa discussão é o jogo entre fantasia e realidade, próprio do fazer arte/literatura, e dessa dicotomia inexata nota-se por fim que o contemporâneo flui em termos mais (neo) realistas do que fantásticos. Por isso que, se a crítica anseia por um regime literário mais estilizado do que tematizado, ela não deve esquecer-se de que, embora o ímpeto criador do artista seja o da superação da realidade, ele jamais desvincula-se por completo do real, por isso deve-se pensar antes o quanto o contexto está ventilado para as liberdades criativas.

⁴“As with the Chinese fish in the quotation at the beginning of this book, mad flipping and flopping is as likely to get humans farther away from the safety of an environment where they know how to function as it is to get them closer. To make it to safety, the new environment in which we suddenly find ourselves must be understood.”

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 4ª edição, São Paulo. Editora: Nacional. 1975. 193 páginas.
- CARVALHO, Bernardo. Entrevista; "Bernardo Carvalho: 'Livro não abraça, não confirma o que você pensa, não te acalma. Isso é religião'" in <https://oglobo.globo.com/tudo-sobre/livro/noticia/2023/11/05/bernardo-carvalho-livro-nao-abraca-nao-confirma-o-que-voce-pensa-nao-te-acalma-isso-e-religiao.ghtml> (acesso em 01/10/2024)
- DINIZ, Ligia. *Espírito do tempo*. Blog Quatro Cinco Um. in <https://quatrocinco.com.br/resenhas/literatura/literatura-brasileira/espírito-do-tempo/> São Paulo, 21/04/2023. Acesso: 30/07/2024
- HARVEY, David. *17 contradições e o fim do capitalismo*. 1ª edição, São Paulo. Editora Boitempo, 2016. 287 páginas.
- QUATRO Cinco Um: Para escrever melhor. Apresentado por: Paulo Werneck. In [S.I.] 11 de agosto de 2023. Podcast. Disponível em https://open.spotify.com/episode/73ZsnKwdn7JlXm0BhC9VDU?si=8hC9AzScRQmkE-_99TMNKQ&nd=1&dlsi=6b9d39a589244275 JAFFE, Noemi. Acesso em: 20/12/2023
- POLESSO, Natália Borges. *A extinção das abelhas*. 1ª edição, São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 2021. 312 páginas.
- TENÓRIO, Jefferson. *O avesso da pele*. 1ª edição, São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 2021. 192 páginas
- THUROW, Lester C. *The future of capitalism: how today's economic forces shape tomorrow's world*. 1ª edição, Londres. Editora: Penguin Books, 1996. 400 páginas.
- VERUNSCHK, Micheliny. *O som do rugido da onça*. 1ª edição, São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 2022. 168 páginas
- VIEIRA JR, Itamar. *Torto arado*. 1ª Edição, São Paulo. Editora: Todavia, 2019. 262 páginas.